

A POSSIBILIDADE DE UMA EDUCAÇÃO MUSEAL NA ESCOLA: UM INTERCÂMBIO A PARTIR DA ARTE DE DESCARTES GADELHA

Wesclei Ribeiro da Cunha¹
José Olímpio Ferreira Neto²
Eduardo Ferreira Chagas³

Resumo: O presente artigo tem o objetivo de apresentar reflexões sobre a possibilidade da educação museal nas escolas públicas municipais de Fortaleza. A Educação Museal é uma prática educativa, democrática, crítica e transformadora, que respeita a diversidade cultural e suas epistemologias. O trabalho tem a justificativa pessoal assentada na trajetória profissional dos autores que promovem práticas educativas em diálogo com outras instituições, em especial, museus, e outros ramos dos saberes, em especial, as artes. É uma pesquisa de natureza qualitativa, que se desenvolve a partir de relatos de experiência em um intercâmbio na França, do programa Professores Sem Fronteiras, além do relato de experiência a partir da obra de Descartes Gadelha, de um projeto contemplado com o edital de Boas Práticas e premiado em Feiras de Ciências, ações promovidas pela Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza. É possível considerar que a Educação Museal e as artes como estratégias de ensino na escola podem colaborar para uma formação integral que desenvolvem sujeitos históricos críticos, participativos e transformadores da sociedade.

Palavras-chave: Museus. Educação Museal. Formação Integral. Intercâmbio. Descartes Gadelha.

THE POSSIBILITY OF A MUSEUM EDUCATION IN SCHOOL: AN EXCHANGE BASED ON THE ART OF DESCARTES GADELHA

619

Abstract: The present article aims to present reflections on the possibility of museum education in public municipal schools in Fortaleza. Museum Education is an educational, democratic, critical, and transformative practice that respects cultural diversity and its epistemologies. The work is justified by the personal trajectory of the authors who promote educational practices in dialogue with other institutions, especially museums, and other branches of knowledge, particularly the arts. It is a qualitative research developed from experience reports in an exchange program in France, the "Teachers Without Borders" program, as well as experience reports based on the work of Descartes Gadelha from a project awarded with the Good Practices grant and recognized at Science Fairs, actions promoted by the Municipal Education Secretariat of Fortaleza. It is possible to consider that Museum Education and the arts as teaching strategies in schools can contribute to a comprehensive education that develops critical, participatory, and transformative historical subjects in society.

Keywords: Museums. Museum Education. Comprehensive Education. Exchange. Descartes Gadelha.

Introdução

¹ Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Autor do livro "Uma alegria difícil: Clarice Lispector - linguagem e esforço humano". Professor da rede pública municipal de Fortaleza. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7798-9369>. E-mail: wescleiribeiro@gmail.com.

² Capoeirista. Advogado. Professor. Mestre em Ensino e Formação Docente. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Direitos Culturais da Universidade de Fortaleza (GEPDC/UNIFOR). Secretário Executivo do Instituto Brasileiro de Direitos Culturais (IBDCult). Vice-presidente da Comissão de Direitos Culturais da OAB-CE. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7258-467X>. E-mail: jolimpiofneto@gmail.com.

³ Doutor em Filosofia pela Universität Kassel (Alemanha) (2002) e Pós-Doutorado em Filosofia pela Universität Münster (Alemanha) (2019). Professor da Universidade Federal do Ceará (associado 4) do Curso de Filosofia. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq (PQ2). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1957-6117>. E-mail: ef.chagas@uol.com.br

No segundo semestre de 2023, os signatários da presente pesquisa tiveram a oportunidade de participar do programa Professores Sem Fronteiras, gerido pela Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza - SME Fortaleza. O programa, segundo a Lei Ordinária nº 11.248, de 12 de abril de 2022, em seu art. 1º, “[...] tem o propósito de ofertar aos professores de provimento efetivo da Secretaria Municipal da Educação, de forma gratuita, as experiências de intercâmbio educacional e cultural, supervisionado e custeado pelo Poder Público” (Fortaleza, 2022).

A referida experiência ofertou aulas na *Université Grenoble Alpes* - UGA e uma breve imersão no cotidiano francês, oportunidade que permitiu a observação da rotina cultural de cidadãos franceses em algumas cidades do país, tais como Grenoble, Paris e Lyon. Nas aulas, ficou perceptível a aproximação de práticas que são comuns aos pesquisadores do presente artigo, tais como o uso das artes em sala de aula em diálogo com os componentes curriculares obrigatórios, como Língua Portuguesa e Ciências da Natureza, ou atividades opcionais e/ou eletivas, tais como o Clube de Aprendizagem, projeto de Boas Práticas, Feira científica e cultural. Nas imersões do cotidiano, foi notório a relação dos franceses com a música, literatura, patrimônio cultural e museus.

Diante da experiência, surgiram reflexões sobre as práticas educativas já desenvolvidas no cotidiano escolar, protagonizadas pela iniciativa dos professores, o que é possível chamar, paradoxalmente, de “autonomia solitária”. Então, a partir da observação das aproximações e distanciamentos, foi iniciado um processo de problematização que ocorreu em diálogo, nas aulas da UGA, com o corpo docente do curso e com os colegas de profissão no intercâmbio.

As práticas educativas, contendo as artes como estratégia e os museus como espaço de aprendizagem e diálogo com a escola, foram os pontos que mais ficaram destacados na experiência, pois são desenvolvidas práticas aproximadas, pelos professores-autores, no âmbito da SME-Fortaleza. Assim, parte-se do pressuposto de que uma Educação Museal deve ser parte integrante do cotidiano escolar, fomentando uma formação integral. Em outras palavras, a Educação Museal na escola e as artes como estratégia de ensino podem colaborar para o desenvolvimento de sujeitos históricos críticos, participativos e transformadores da sociedade.

O conceito de Educação Museal vem sendo construído sob bases de uma educação democrática, crítica e transformadora, dentro de uma perspectiva decolonial. Os museus devem ser lugar de práticas educativas, com seus programas para formação e desenvolvimento de público; pesquisa e criação; e desenvolvimento de parcerias (CASTRO et al., 2020). No entanto, a escola, além de ir ao museu, também é possível trazer o museu para dentro dela, ou,

A POSSIBILIDADE DE UMA EDUCAÇÃO MUSEAL NA ESCOLA...

Weslei Ribeiro da Cunha / José Olímpio Ferreira Neto / Eduardo Ferreira Chagas

ainda, estabelecer parcerias. A Educação Museal, como um direito cultural, desenvolvida, no museu, no espaço escolar ou na intersecção entre os espaços, promove práticas educativas que tem como princípio o respeito à dignidade da pessoa humana, pois o respeita no âmbito da diversidade cultural, identidades, memórias, histórias e as manifestações culturais e científicas, seguindo uma trajetória de diálogo intersetorial e multidisciplinar, colaborando na formação de sujeitos históricos críticos (Ferreira Neto; Cunha, 2023).

Assim, a problemática central que gera as reflexões apresentadas é a seguinte: É possível o desenvolvimento de uma educação museal dentro das escolas para uma formação integral? Seguindo na esteira, pergunta-se, ainda: Os museus são feitos por quem e para quem? As epistemologias e ontologias dos sujeitos históricos invisibilizados são consideradas no processo de ensino-aprendizagem nas escolas?

Essas indagações geraram o objetivo do presente trabalho que é apresentar reflexões sobre a possibilidade da educação museal para uma formação integral nas escolas públicas municipais de Fortaleza. Para atingir o objetivo proposto e os aderentes, assim como tentar responder aos questionamentos reflexivos, foi desenvolvido um percurso metodológico de pesquisa com natureza qualitativa, com base em Chizzotti (1995), considerando as subjetividades. No primeiro momento, é desenvolvido um texto com as bases teóricas do artigo, apontando os principais conceitos, ideias e concepções de uma educação museal, museus e formação integral. Em seguida, serão apresentadas a partir das narrativas autobiográficas dos autores, a experiência de participação do programa Professores Sem Fronteiras. Na última seção, será compartilhado um relato de experiência em uma Unidade Escolar - UE da SME Fortaleza, a saber, Escola de Tempo Integral Maria do Socorro Alves Carneiro - ETI MSAC, dialogando com o referencial teórico e as narrativas autobiográficas.

A justificativa pessoal da pesquisa se assenta na trajetória profissional dos autores, professores lotados em UEs da SME Fortaleza, que desenvolvem práticas pedagógicas decoloniais, dentro de uma perspectiva de formação integral, fomentando o empoderamento dos sujeitos históricos inseridos no espaço escolar, justificativa que se alinha também com o viés político e social. Ambos são entusiastas da escola pública e aderem aos diversos programas oportunizados pela SME Fortaleza, além de promoverem diálogos com outras instituições. A busca por atividades educativas inovadoras promove o contato com a universidade, enquanto campo de pesquisa e formação de professores, universitários e alunos que permeiam o espaço escolar, sendo assim, justificativa pedagógica e acadêmica, pois promove o aumento de estratégias para o processo de ensino-aprendizagem.

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 13	n. 33	Maio - Agosto 2024	p. 619 - 638
--------------------------	--------	-------	--------------------	--------------

1. Escolas e Museus: uma relação possível e necessária

O objetivo da presente seção é discutir a relação entre escolas e museus, bem como suas ações educativas. A Educação Museal é uma concepção de Educação construída para ações dentro de museus, mas não se limitam a um espaço físico. O texto parte do pressuposto de que é possível e necessário um diálogo entre escola e museus, dentro de uma perspectiva intersetorial e interinstitucional. Assim, a sociedade em diálogo, protagonizado por profissionais com ações e estratégias educativas, constrói uma proposta de educação que colabora na formação integral de sujeitos históricos, críticos, participativos e transformadores.

Uma atividade educativa, segundo Tonet (2006), que tem o objetivo de contribuir para uma formação integral, precisa proporcionar aos indivíduos o engajamento na luta pela construção de uma forma de sociabilidade para além do que é imposto socialmente.

Costuma-se dizer que a educação deve formar o homem integral, vale dizer, indivíduos capazes de pensar com lógica, de ter autonomia moral; indivíduos que se tornem cidadãos capazes de contribuir para as transformações sociais, culturais, científicas e tecnológicas que garantam a paz, o progresso, uma vida saudável e a preservação do nosso planeta. Portanto, pessoas criativas, participativas e críticas. Afirma-se que isto seria um processo permanente, um ideal a ser perseguido, de modo especial na escola, mas também fora dela (Tonet, 2006, p. 15).

622

Tonet (2006) trata a educação como um poderoso meio para a formação dos indivíduos, porém destaca que nas sociedades de classes, ela é organizada de modo a servir à reprodução dos interesses das classes dominantes. Assim, é possível dizer que uma estratégia educacional que dialoga com a ideia de museu, transcende o espaço formal de ensino, colabora para a formação integral dos sujeitos.

Para Freire (1996), formar é muito mais do que simplesmente treinar o educando para que tenha um bom desempenho. Está em contraposição ao modelo capitalista de formação, permanecendo sempre em um movimento de negação, arte revolucionária em busca da liberdade.

No âmbito da Educação, uma escola permite pensar a experiência do processo de ensino-aprendizagem sob prismas nos quais incidem olhares, perspectivas que agregam e possibilitam pensar novas metodologias educacionais, no cerne das quais se encontram teorias, que exigem do corpo docente criticidade, haja visto que há ideologias inseridas dentro do próprio sistema de ensino, as quais reproduzem uma cultura dita hegemônica. Não obstante, há uma pluralidade de percepções que se irradiam e se expandem na medida em que permite dialogar, resistir e lutar contra o silenciamento daqueles que se encontram à margem, seja no que concerne às

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 13	n. 33	Maio - Agosto 2024	p. 619 - 638
--------------------------	--------	-------	--------------------	--------------

A POSSIBILIDADE DE UMA EDUCAÇÃO MUSEAL NA ESCOLA...

Weslei Ribeiro da Cunha / José Olímpio Ferreira Neto / Eduardo Ferreira Chagas

questões econômica, geográfica, de gênero ou de questões étnico-raciais. A realidade do professor na rede pública da SME Fortaleza exige ações que interajam com uma multiplicidade de experiências que não escapam das malhas de uma população que traz as marcas preocupantes de vulnerabilidades sociais.

Seria ingênuo acreditar que o fazer docente, dentro de uma concepção dialética, pode contribuir para a transformação da realidade de estudantes da periferia ou seria cumplicidade com esse sistema uma acomodação diante de uma realidade que afasta o jovem da escola e o distancia de sua autonomia intelectual e profissional? A construção de um currículo escolar que contribua para uma formação integral e, conseqüentemente, emancipadora, requer mais que a simples formação dos profissionais da Educação, em face dos embates ideológicos, o qual exige do docente uma postura coerente, pois a Educação é “uma prática indispensável aos seres humanos e deles específica na História como movimento, como luta”, conforme reitera Paulo Freire (2022, p.18-19). Por conseguinte, necessário se faz uma compreensão profunda da radicalidade inerente ao processo de ensino:

A radicalidade de meu ser, enquanto gente e enquanto mistério, não permite, porém, a inteligência de mim na estreiteza da singularidade de apenas um dos ângulos que só aparentemente me explica. Não é possível entender-me apenas como classe, ou como raça ou como sexo, mas, por outro lado, minha posição de classe, a cor da minha pele e o sexo com que cheguei ao mundo não podem ser esquecidos da análise que faço, do que penso, do que digo. Como não pode ser esquecida a experiência social de que participo, minha formação, minhas crenças, minha cultura, minha opção política, minha esperança (Freire, 2020, p. 19).

623

Na concepção de Paulo Freire (2020, p, 25), a educação é um processo permanente dado, por um lado, à finitude do ser humano, independente de linha ideológica ou posição política ou interesse econômico, por outro, é necessário compreender o inacabamento da condição humana, ensinar e aprender perpassa todas as atividades humanas: “Aprender e ensinar fazem parte da existência humana, histórica e social, como dela parte a criação, a invenção, a linguagem, o amor, o ódio, o espanto, o medo, o desejo, a atração pelo risco, a fé, a dúvida, a curiosidade, a arte, a magia, a ciência, a tecnologia” (Freire, 2022, p. 24). Na medida em que ensinamos, pois, lançamo-nos a um desafio de interagir por meio do diálogo, é inaceitável que a escola se negue a questionar a realidade na qual os estudantes estejam inseridos, portanto ensinar compreende também uma luta permanente por autonomia.

Dentro dessa perspectiva, pensar o museu como espaço educativo, que se desloca e pode estar na escola e/ou com a escola, o conceito de Educação Museal vem ao encontro para promover uma formação integral, de sujeitos históricos críticos, que a partir do conhecimento de sua história, pode interagir com o presente para assegurar direitos.

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 13	n. 33	Maio – Agosto 2024	p. 619 - 638
--------------------------	--------	-------	--------------------	--------------

Segundo Castro, Soares e Costa (2020), a definição da Política Nacional de Educação Museal, PNEM, ocorreu em 2017, fruto de um processo de construção participativo, iniciado em 2010. Esse processo contou com a participação de profissionais de diversos setores da sociedade, tais como educadores museais, professores, estudantes, pesquisadores etc. Apesar da discussão recente, suas bases não são novas, a produção de conhecimento sobre Educação Museal é uma construção de mais de 100 anos, que depois passou a transitar também no meio acadêmico. A Política Nacional de Museus, desenvolvida no século XXI, fomentou o debate sobre a formação de profissionais na área, a formação e os processos museais em diferentes espaços.

A Educação Museal é um campo científico, profissional e político, construído sob bases de uma educação democrática, crítica e transformadora, dentro de uma perspectiva decolonial (CASTRO et al., 2020). Sendo assim, trata-se de um processo participativo e para que essa participação seja mais ampla, é preciso envolver os setores da sociedade. A escola, como espaço, e a Educação como campo, também fazem parte desse diálogo por meio dos sujeitos em formação inicial e continuada, ou seja, alunos, professores, acadêmicos devem e podem se envolver. Para isso, é preciso vivenciar minimamente a Educação Museal.

2. Por uma Educação sem fronteiras

No ano de 2023, por meio dos Editais do programa Professores Sem Fronteiras, criado no âmbito do Município de Fortaleza, pela Lei Ordinária nº 11.248/2022, e gerenciado pela SME Fortaleza (Fortaleza, 2022), foram oferecidas vagas para 75 professores em efetivo exercício em sala de aula, para realizar intercâmbio formativo em cidades da França, Espanha e Irlanda. Os professores-autores da presente pesquisa foram selecionados, com base em suas adesões aos programas oferecidos pela SME Fortaleza, trajetória profissional e acadêmica. Assim, tiveram a oportunidade de realizar um intercâmbio formativo na UGA, em Grenoble, na região dos Alpes Franceses.

A experiência consistiu em um curso de 48 horas/aula com estágio de observação numa escola internacional, a saber, *Cité Scolaire Internationale - Europole*. Além disso, também foi possível vivenciar o cotidiano francês, sobre o qual também foram feitos registros em diários em forma de relatos autobiográfico por Cunha (2023) e Ferreira Neto (2023), acompanhado de reflexões sobre a experiência, buscando evidenciar aproximações e distanciamentos entre a Educação brasileira e francesa.

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 13	n. 33	Maio – Agosto 2024	p. 619 - 638
--------------------------	--------	-------	--------------------	--------------

A POSSIBILIDADE DE UMA EDUCAÇÃO MUSEAL NA ESCOLA...

Weslei Ribeiro da Cunha / José Olímpio Ferreira Neto / Eduardo Ferreira Chagas

Em *Tempo e narrativa*, Paul Ricoeur (2010a) analisa a existência de uma correlação entre a atividade de narrar uma história e o caráter temporal da experiência humana, que não é puramente acidental, mas uma forma de necessidade transcultural. Para o pensador francês, “[...] se, efetivamente, a ação pode ser narrada, é que já está articulada nos signos, regras, normas; ela é desde sempre simbolicamente mediatizada” (Ricoeur, 2010b, p. 206). Construimos, pois, nossas identidades na medida em que elaboramos significados para nossas experiências e as compartilhamos. Nessa esteira, o presente texto segue uma narrativa autobiográfica, entre as subjetividades do campo educacional para pensar em propostas educativas que proporcionem uma formação integral.

Os debates na sala de aula da UGA giraram em torno de metodologias e questões sociais que permitiram um entrecruzamento de experiências simbolicamente mediadas por ações que evidenciam realidades contrastantes. Na escola francesa visitada, foi possível observar que as condições materiais dadas são favoráveis ao desenvolvimento de aulas com excelência, mas que, ao mesmo tempo, estão sob permanente aperfeiçoamento (Cunha, 2023; Ferreira Neto, 2023; Ferreira Neto; Cunha, 2023). Não convém aqui uma comparação valorativa entre a escola brasileira e a francesa, haja visto que o intercâmbio proporcionou uma ampliação da forma de pensar as contribuições da prática docente, no intuito de concretizar uma escola democrática, crítica e transformadora.

Na esteira do pensamento de Yves Chevallard (1985), a pesquisadora Danielly Kaspary (2020), Professora da Universidade de Grenoble, apresentou-nos uma discussão sobre os conceitos de Noosfera e Assujeitamento, da teoria antropológica do didático, a fim de problematizar o currículo e mudanças curriculares. Os debates contribuíram para pensar a realidade brasileira a partir de temas importantes e estratégias possíveis de serem desenvolvidas nas UEs da SME Fortaleza. Entre os temas, é possível destacar a desigualdade social, assim como a construção do currículo em face das transformações ocorridas na própria sociedade. Cunha (2023) narra que

No estágio que realizamos na Cité Scolaire Internationale - Europole, verificamos que às quartas-feiras não há aulas realizadas na escola, o dia está disponível para estudos para além da sala de aula: visita a exposições, apreciação de orquestras e pesquisas que exerçam a complementaridade do conteúdo escolar, haja visto que as Artes estão muito presentes no cotidiano francês.

É nítido na narrativa a observação das artes como algo presente no cotidiano da sociedade francesa. As pessoas nas ruas fruem das artes na condição de protagonistas ou apreciadores. Na mesma esteira, segue a narrativa de Ferreira Neto (2023),

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 13	n. 33	Maio - Agosto 2024	p. 619 - 638
--------------------------	--------	-------	--------------------	--------------

Pelas ruas de Paris, foi possível observar jovens de diversas idades, crianças e adolescentes, em grupos, acompanhados por professores, caminhando para museus ou caminhando pelas ruas, em aulas em pontos históricos, que são comuns na cidade, pois parece um museu a céu aberto.

Novamente, a narrativa enfatiza a relação dos sujeitos históricos que vivem na França com as artes, museus e patrimônio cultural. Ferreira Neto e Cunha (2023) destacaram que essa formação é uma questão de direito cultural. Sujeitos que têm uma formação dessa natureza são mais susceptíveis de perceber a importância dessas expressões humanas como algo fundamental para o amplo exercício da cidadania, sendo, portanto, uma questão política.

Com efeito, o conceito de noosfera consiste no monitoramento de instituições oficiais de ensino que afetam diretamente as relações que podem ser construídas na escola. Nessa esteira, a Educação Museal, permeada pela presença de diversos sujeitos históricos e sociais, em diálogo democrático, crítico e transformador, pode promover uma educação integral. Conforme reitera Kaspary (2020, p. 231),

Nós consideramos a noosfera como um aglomerado de instituições. A associação de professores, as editoras de livros didáticos, o ministério da educação, a comunidade de pesquisadores em educação, a igreja no caso dos estados não-laicos ou pseudo-laicos, e tantas outras são instituições que compõem a noosfera de uma dada sociedade. Cada uma dessas instituições tem certo direito de dizer o que é importante ou não de ser aprendido na escola. A maneira como ensinar é igualmente submetida aos seus julgamentos.

626

Nessa perspectiva, a realidade escolar está diretamente conectada aos interesses sociais e políticos daqueles que concentram o capital, os quais investem na construção de mecanismos de reprodução de uma sociedade desigual. É imprescindível o questionamento da composição de uma noosfera, por mais que ela esteja fortemente consolidada, uma vez que, nessa permanente tensão inerente ao campo ideológico, necessário se faz questionar a naturalização da existência da miséria numa sociedade que funciona sob as engrenagens da desigualdade, sem a consciência de que existem classes sociais que lutam pela concentração do capital. Kaspary (2020, p. 232) enfatiza que as instituições podem apresentar diferentes *status* e diferentes poderes dentro da noosfera, o que permite a construção de uma hierarquia da qual resultam embates político-ideológicos, em cujo processo há um assujeitamento às instituições que não se encontram em conformidade com as ideias hegemônicas de uma noosfera.

Nesse sentido, cabe questionarmos a obnubilação de artistas e tradições que questionam a invisibilidade de seres humanos que se encontram à margem da sociedade, que denunciam as

contradições e desigualdade sociais, em detrimento de um cânone estabelecido como preponderante, via de regra eurocêntrico ou mesmo concentrado no eixo Rio-São Paulo, onde se situam as principais redes editoriais do país.

Sob a experiência do intercâmbio, Cunha (2023) narra o seguinte:

Em um dos encontros, tivemos a oportunidade de dialogar com a Professora Dra. Bernadette Margiela-Garcin acerca de metodologias para o ensino das Artes. Observamos um planejamento sistemático que valoriza articulações que prezam pela interdisciplinaridade. Há, portanto, fases que compreendem desde o incentivo a experiências artísticas, a fases de prática plástica (descoberta, experimentação, organização, criação), bem como existem as fases da articulação entre as produções e a cultura, sucedida pela verbalização, avaliação e, por último, a fase de memória, que culmina nas exposições culturais. Esse processo prioriza a construção de uma cultura museal, valorizando-se, pois, a formação crítica dos estudantes.

Em outros termos, a cultura museal ou uma educação com os museus, com a arte é uma realidade para o povo francês. Em outro encontro realizado no dia 5 de outubro, a Professora Dr^a Bernadette Margiela-Garcin ministrou uma aula com técnicas que dialogam com o tema do Meio Ambiente, tema transversal, que pode ser trabalhado por qualquer outro componente curricular obrigatório, mas, em especial, com Ciências da Natureza.

A professora exibiu slides, com o uso do retroprojeto, apresentando uma atividade pedagógica, que utilizava recursos naturais para a elaboração de trabalhos artísticos. Em nossa visita à Cité Scolaire Internationale - Europole, também pudemos ver alguns trabalhos expostos pelos corredores com o uso de recursos naturais, no entanto, não eram sobre o meio ambiente, mas usavam pedras pintadas (Ferreira Neto, 2023).

Ações semelhantes a essas não fogem a realidade dos professores-autores. No entanto, são frutos da iniciativa pessoal, o que é possível chamar de autonomia-solitária, tendo em vista que o professor tem liberdade para tomar decisões no processo de ensino-aprendizagem, mas é recorrente que isso seja feito de forma solitária, com pouco ou nenhum apoio institucional, apenas com a rede de relacionamentos do professor. Diferentemente, da realidade francesa, cujas condições de trabalho são outras.

Mesmo com programas de apoio emanados da SME Fortaleza, há outros obstáculos que estão no campo da noosfera que ainda tentam silenciar a voz das populações minorizadas, desde comportamentos internos nas UEs aos externos do entorno das unidades. No entanto, é preciso seguir desenvolvendo iniciativas, mesmo solitárias, com as condições materiais dadas e os apoios institucionais possíveis.

4. Da sala de aula para o museu

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 13	n. 33	Maio - Agosto 2024	p. 619 - 638
--------------------------	--------	-------	--------------------	--------------

A POSSIBILIDADE DE UMA EDUCAÇÃO MUSEAL NA ESCOLA...

Weslei Ribeiro da Cunha / José Olímpio Ferreira Neto / Eduardo Ferreira Chagas

O intuito da presente seção é apresentar metodologias consistentes que são exercidas na realidade da escola pública de Fortaleza, por meio de um relato de experiência de Cunha (2022-2023), que permitem um questionamento acerca de contradições e por que não dizer de experiências exitosas ainda que numa severa contramão, uma vez que são resistências, no sentido de superar a escassez de recursos materiais, ao trazer para a sala de aula, oportunidades de acesso à cultura e consciência crítica dos estudantes.

Com o intuito de pensar as mudanças ocorridas na sociedade a partir do conceito de antropofagia, resultante do movimento modernista de 1922, os estudantes dos 9º anos da ETI MSAC, localizada no bairro Bonsucesso, iniciaram uma pesquisa sobre o centenário e o legado dos artistas que protagonizaram a Semana de Arte Moderna de 1922, o que permitiu também um estudo acerca dos artistas cearenses cujas obras se encontram no Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará - MAUC. O projeto foi integrado ao processo de ensino-aprendizagem, o qual não se encerrou no ano letivo de 2022, uma vez que em 2023 houve aperfeiçoamento.

A Semana de 1922 estabeleceu um marco de profundas transformações na forma de expressão artística do Brasil. Segundo Mário de Andrade (2002, p.253), esse contexto favoreceu a criação de um novo espírito, de renovação e atualização, cujo alcance pretendeu ir além da dimensão estritamente literária, bem como houve uma “demanda genérica de unificação cultural”, “uma preocupação difusa de superar a distância entre o erudito e o popular” (Lahuerta, 1997, p. 97).

A história oficial e o sistema literário brasileiro ganhavam outra versão na releitura proposta pelos escritores modernistas, de forma que os estereótipos recalcados de nossa cultura passaram a ser reinterpretados, assumiram o centro da discussão de obras modernistas, como ocorre em *Macunaíma* (1928). Nesta obra, a mais característica do movimento, Mário de Andrade problematiza e reflete acerca de um novo ponto de vista de nossa brasilidade, haja vista que, na visão de Antonio Candido, “cada valor aceito na tradição acadêmica e oficial correspondia, na tradição popular, um valor recalcado que precisava adquirir estado de literatura” (Candido, 1967, p. 120).

No entanto, na concepção de Milton Lahuerta (1997, p.96), “[...] há que se fazer a ressalva de que tudo isso ocorre de maneira muito ambígua”. A estética antropófaga, idealizada por Oswald de Andrade e Mário de Andrade, que almejava a transfiguração de tabus, das estereotípias e dos imperativos da cultura europeia, em totens, liberdade de pensamento e criação, ao selecionar/digerir as manifestações culturais estrangeiras, ainda que repensasse

628

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 13	n. 33	Maio – Agosto 2024	p. 619 - 638
--------------------------	--------	-------	--------------------	--------------

criticamente o Brasil e contestasse o padrão cultural bacharelesco vigente, “no centro de suas preocupações e de sua poética estão exatamente as dissonâncias entre padrões burgueses e realidades derivadas do patriarcado rural” (Lahuerta, 1997, p. 96). Portanto, não cabe afirmar que houve uma ruptura total, porém é significativo identificar uma descontinuidade que proporcionou ressignificações no campo artístico.

Dessa forma, a proposta de um estudo do movimento antropofágico para os estudantes do Ensino Fundamental não se restringiu ao contexto da década de 1920. A fim de ampliar um debate interdisciplinar, as pesquisas dos estudantes foram ao encontro das transformações no âmbito artístico dos artistas brasileiros, no que tange às técnicas vanguardistas a expressões artísticas e culturais, assim como foi pensado sobre a atualidade da proposta antropofágica, levando em consideração temas como os caminhos da democracia brasileira, a condição das mulheres na sociedade, a construção de uma cultura antirracista.

Com efeito, a estética antropófaga permitiu uma reflexão sobre novas possibilidades de narrar a experiência da condição humana a partir dos artistas cearenses. Foram realizadas visitas à exposição “Sempre fomos modernos”, no MAUC, até então desconhecido dos estudantes. A experiência no museu com os adolescentes que o visitavam pela primeira vez evidencia que a escola não pode ser confundida com uma mera máquina de estatísticas. É preciso construir narrativas que lhes permitam ultrapassar barreiras sociais e culturais. A partir da visita, novos projetos de pesquisa foram se desenhando e os estudantes passaram a pensar a experiência em atividades escolares ao desenvolverem em seminários o princípio da antropofagia para análise e interpretação de obras de artistas cearenses que se encontram no acervo do MAUC.

Na medida em que os estudos foram desenvolvidos, as metodologias de ensino foram aperfeiçoadas com atividades e projetos oferecidos pela própria Prefeitura de Fortaleza, como a Feira de Ciências e Cultura e o Projeto Boas Práticas, do qual foram obtido recursos para a compra de material artístico, tais como tintas, pincéis, telinhas e papéis para a realização do Ateliê na ETI MSAC. O brilho nos olhares fascinados diante das telas que compõem o acervo do MAUC aponta para uma esperança de novos leitores que possam promover uma ressignificação produtiva, desconstrutora de rótulos.

5. O Griô redescoberto em sala de aula

No que concerne às metodologias de ensino, o curso de intercâmbio na UGA, oportunizou a apresentação da pesquisa “As dores dos famintos na Arte de Descartes Gadelha”,

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 13	n. 33	Maio – Agosto 2024	p. 619 - 638
--------------------------	--------	-------	--------------------	--------------

A POSSIBILIDADE DE UMA EDUCAÇÃO MUSEAL NA ESCOLA...

Wesclei Ribeiro da Cunha / José Olímpio Ferreira Neto / Eduardo Ferreira Chagas

que foi desenvolvida com estudantes da ETI MSAC, como também permitiu a discussão sobre a desigualdade social da cidade de Fortaleza. Necessário se faz, pois, pensar a Educação como um processo ontológico e epistemológico, no qual seja possível verificar a interação entre os campos artístico e social, entre a “leitura do mundo e a leitura da palavra” (Freire, 2022), buscando-se uma permanente continuidade que desperte uma ideia de pertencimento, identidade, a fim de que os estudantes se sintam instigados a transmitir suas emoções, leituras críticas, intervenções na forma de pensar, visto que é inaceitável que as desigualdades sociais sejam naturalizadas por olhares mecânicos, insensíveis à invisibilidade de grande parte da população.

“As dores dos famintos na arte de Descartes Gadelha” enfatiza a contribuição da arte para denunciar as desigualdades e injustiças sociais, além de sensibilizar o olhar crítico diante dos invisibilizados que se encontram à margem da sociedade. Descartes Gadelha (1943) é leitor do seu tempo, um artista engajado com os temas sociais, na medida em que nos instiga a questionarmos as contradições sociais, o que pode ser verificado nas coleções “Canindé: Canaã Nordestina (1974); “Catadores do Jangurussu” (1989); “Cicatrizes submersas” (1997) - 30 anos dedicados na composição de telas e esculturas, inspirado na obra “Os sertões”, de Euclides da Cunha, sobre o drama da Guerra de Canudos (1896-1897); “Iracemas, Morenos e Coca-colas” (2004).

Descartes Gadelha não hesita, pois, em expor as feridas da sociedade, assim como questiona narrativas históricas que excluem e silenciam a contribuição das classes sociais oprimidas e marginalizadas, portanto, em face do referido embate de forças presente no campo artístico-cultural, compreendemos que as Coleções do artista proporciona uma leitura da História, conforme destaca o pensador Walter Benjamin⁴ (1994, p. 229), como um *continuum*, “objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de ‘agoras’”, o que contrasta com a visão historicista linear e idealizada de progresso, o que implica arrancar a tradição do conformismo. O artista afirma ter encontrado os “Catadores do Jangurussu” acidental e incidentalmente por meio de um desnivelamento do

630

⁴ No ensaio “Sobre o conceito de História”, Walter Benjamin considera que o saber histórico está calcado no presente, de forma contestatória do passado: “O historicismo se contenta em estabelecer um nexos causal entre vários momentos da história. Mas nenhum fato, meramente por ser causa, é por isso um fato histórico. Ele se transforma em fato histórico postumamente graças a acontecimentos que podem estar dele separados por milênios. O historiador consciente disso renuncia a desfiar entre os dedos os acontecimentos, como as contas de um rosário (Benjamin, 1994, p.232).

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 13	n. 33	Maio – Agosto 2024	p. 619 - 638
--------------------------	--------	-------	--------------------	--------------

horizonte, quando, apaixonado, almejava pintar o pôr do sol, não obstante uma criança o fez despertar para a realidade do aterro ao questioná-la a respeito do mau cheiro:

Quando uma criança passou com alguma coisa na cabeça, um saco, não sei bem, e eu perguntei: ‘Meu filho, o que é isso, e esse cheiro aqui?’. E ele disse assim: ‘Olha, eu não estou sentindo, mas as pessoas dizem que fede’. E eu: ‘Mas o que é, finalmente, isso?’. ‘Bom, deve ser o pessoal aí do aterro’. ‘Que aterro?’. E ele disse: ‘Aí atrás de mim’. Quer dizer, tinha um monticulinho, um montículo de, sei lá, 6,4 metros, não lembro bem, e eu resolvi subir para ver aquilo lá, ainda como coração inflamado de paixão. Quando eu vi o inferno de Dante (refere-se a uma das três partes da obra de Dante A Divina Comédia: Inferno) na minha frente: urubus disputando com cachorros, com seres humanos, velhos, crianças, o caminhão derrubando lixo, aquela coisa toda, aí eu fui, ‘entrei em parafuso’, a paixão foi pro brejo, esqueci a paixão, esqueci a namorada. A minha namorada passou a ser o próprio aterro sanitário! Eu me dediquei a interpretar não aquela paisagem física, mas o sentimento das pessoas que são capazes de conviver naquela situação. Eu queria saber o que é que passava no coração daquelas pessoas que estavam lá, vivendo da sobra de uma metrópole. O sobejo da cidade de Fortaleza estava ali. A princípio eu não fui bem recebido, porque as pessoas achavam que eu fosse da prefeitura, que ia tomar os terrenos, aquela coisa da burocracia, mas eu consegui conquistar algumas pessoas. Voltei em casa, peguei mais telas, fiquei nessa coisa, foi outra síndrome de arte-dependência. Não foi uma síndrome estética, mas uma psicose artística. Me instalei lá, comprei uma barraquinha de plástico e fiz um ateliê lá nesse local. Fiquei um período, pinte o que eu pude pintar de expressão humana e fatos que ocorreram e transformei isso em pequenas crônicas pintadas (Gadelha, 2009, p. 127-128).

As tintas tão vivas do artista não se resignam à cruel realidade de seres humanos que se encontram invisibilizados numa sociedade consumista, que despejava suas sobras naquele amontoado de lixo, um degradê que desconfigurava a paisagem do cartão postal (Figura 01). Na reportagem “Alternativas para driblar a fome: em Fortaleza (CE) catadores realizam trabalho em cooperação”, realizada pelo jornalista Francisco Barbosa (2020), o Jangurussu⁵ ainda recebe o estigma de “lixão” e após o contexto da pandemia as condições de fome e miséria se agravaram, bem como reforçou-se na cidade de Fortaleza a desigualdade social⁶.

Figura 01 - Por do sol - Coleção Catadores do Jangurussu (1989)

⁵ De acordo com dados divulgados pela Prefeitura de Fortaleza, Jangurussu ocupa uma área de 8,01 km² com uma população residente de 50.479 habitantes e faz divisa com sete bairros: Conjunto Palmeiras, Ancuri, Santa Maria, Messejana, Barroso, Passaré e José Walter. Além disso, está entre os bairros com o menor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da capital cearense, com apenas 0,172.

⁶ Os dados mais recentes divulgados sobre o IDH no Brasil foram calculados ainda em 2010, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). As informações serviram como base para a Prefeitura de Fortaleza calcular o IDH de cada bairro da capital cearense. De acordo com o cálculo, os melhores bairros em desenvolvimento humano são: Meireles (0,953), Aldeota (0,867), Dionísio Torres (0,860), Mucuripe (0,793). Já os bairros com baixo desempenho foram: Conjunto Palmeiras (0,119), que ocupou a última colocação, seguido de Parque Presidente Vargas (0,135), Canindezinho (0,136), Genibaú (0,139), Siqueira (0,149), Praia do Futuro II (0,168), Planalto Ayrton Senna (0,168), Granja Lisboa (0,170), Jangurussu (0,172) e Aeroporto (Base Aérea) (0,177).



Fonte: <https://mauc.ufc.br/pt/14-galeria-1989-01/>

Descartes Gadelha enfatiza sua paixão pelo Jangurussu após viver aquela realidade, instalando o próprio ateliê, uma pequena cabana de lona, diante dos catadores, “heróis famintos, corajosos” (Gadelha, 2018), por conseguinte reitera um aprendizado que lhe serviu para toda a vida. Esta relação entre Arte e realidade não se restringe a mero deleite, haja visto que o artista declara precisar pintar para compreender, o que é possível conferirmos na obra “O herói do aterro”.

632

Figura 02 - O herói do aterro - Catadores do Jangurussu (1989)



Fonte: <https://mauc.ufc.br/pt/13-galeria-1989-01/>

Em entrevista concedida a Janaína Gouveia, Descartes Gadelha declara o seu envolvimento visceral com a arte e com os temas de suas composições, logo considera-se “Arte-dependente”. O artista não hesita em posicionar-se em prol dos marginalizados, protagonistas do seu universo artístico, bem como reconhece que o Jangurussu foi a sua escola de humanismo, de perdão e aceitação: “*eu descobri que aquelas pessoas eram seres superiores, eram seres que*

tenham uma capacidade de resiliência muito grande. Impressionava a grandeza espiritual e moral daquelas pessoas” (Gadelha, 2018).

Ao falar de sua formação, destaca que conviveu com as contradições da cidade de Fortaleza desde criança, haja visto que morava na Rua Castro e Silva, nas mediações da Estação João Felipe, a cerca de 300m do que viria a se tornar o Arraial Moura Brasil, lugar de vulnerabilidade social, com o estigma da prostituição e violência, sob a alcunha pejorativa de “Curral das éguas”. Esse contexto flagrante de extrema desigualdade marca a formação de Descartes Gadelha, o que lhe permite reforçar a crítica de que “*Fortaleza é um brinco de ouro da burguesia artificial, decadente, de pretensões parisienses*” (Gadelha, 2018).

A arte do “Griô, profeta”, título da exposição comemorativa dos 80 anos de Descartes, permanece denunciando questões fundamentais da nossa sociedade. Com efeito, a persistência da fome e a desigualdade social, o turismo sexual e a invisibilidade de catadores e tantos trabalhadores que vivem em condições sub humanas estão latentes nas coleções do artista como narrativas, são crônicas que nos instigam a uma releitura da história oficial. Na visita com os estudantes da ETI MSAC ao Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará (MAUC), os olhares de fascinação despertado pela verdade contida nas obras demonstram o quanto é indispensável a participação dos nossos estudantes da escola pública aos espaços culturais da nossa cidade, haja visto que a arte de Descartes Gadelha proporciona uma leitura do mundo que desperta a identificação de uma realidade que transborda as tintas viscerais, haja visto que impacta e engendra, além de novas metodologias no processo de ensino-aprendizagem, narrativas política e simbolicamente mediadas por questões sociais e ideológicas.

Se os franceses adquirem o hábito de visitar o museu para construir suas narrativas e estabelecer um permanente diálogo com o conhecimento construído na escola, necessário se faz investirmos numa formação integral que aproxime os estudantes desses espaços culturais. Além de apresentarmos nas aulas os clássicos de artistas consagrados que se consolidaram enquanto cânones de uma cultura convencionalmente hegemônica, os artistas da nossa cidade precisam ser conhecidos e interpretados, assim como é indispensável incentivarmos a expressão artística nas escolas, seja como forma de sensibilizar o olhar, desenvolver competências sócio-emocionais ou mesmo para a consolidação da própria identidade social.

Redescobrir Descartes Gadelha nos olhares de estudantes que visitam o MAUC pela primeira vez, que vivem em busca de novos horizontes que não seja tornar-se mão de obra barata de uma sociedade cansada e doentia de tantas imagens e informações desprovidas da substância poética é revigorante. Na medida em que o projeto é desenvolvido, novos horizontes

são ampliados para além da simples composição de quadros, conforme pode ser observado nos exemplos a seguir:

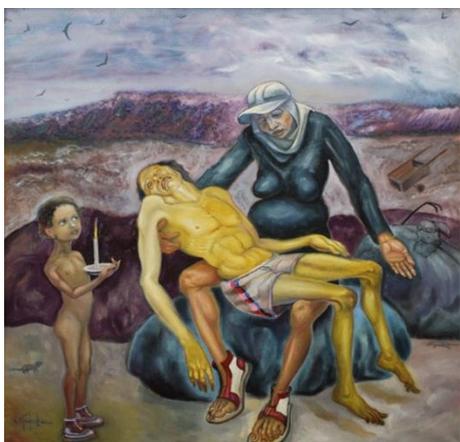


Figura 3 - Pietá do lixo

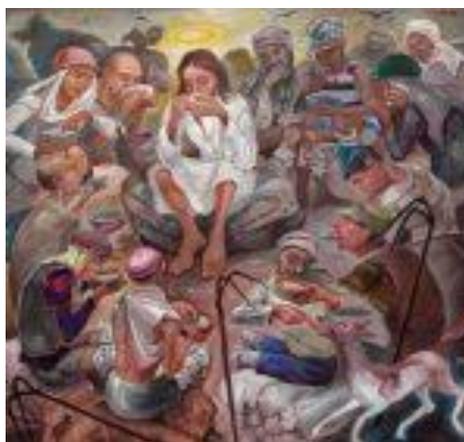


Figura 4 - Santa Ceia

Fonte: <https://mauc.ufc.br/pt/exposicoes-realizadas/exposicao-2010-08-catadores-do-jangurusu-descartes-gadelha-18-10-2010/35-galeria-1989-01/>

Verifica-se, dessa forma, a possibilidade de um estudo crítico-comparativo ao estabelecer um diálogo com os clássicos da cultura ocidental, como a Santa Ceia, de Leonardo da Vinci (com a releitura proposta pela Figura 4) e A Pietá, de Michelangelo (com a releitura da Figura 3), resultando em expressões artísticas que evidenciam marcas peculiares, um palco prismático na medida em que são ampliadas as possibilidades de leitura ao interpretar as obras estimulando um estudo crítico.

Com efeito, ao longo do projeto, estabelecemos como objetivo central ampliar o repertório artístico dos estudantes, percorrendo a História da Arte, apresentando artistas que compõem o cânone universal, de Leonardo da Vinci a Michelângelo, Monet, Caravaggio, Vermet, Degas, Paul Klee, pintores latino-americanos como Frida Kallo, Anita Malfatti e Tarsila do Amaral, com o intuito de promover a pesquisa e estimular as produções artísticas da turma. Dessa forma, foi adotada uma metodologia comparatista a fim de que os estudantes, tal como Descartes Gadelha nas obras destacadas, interpretem e realizem o processo de releitura com o intuito de expressarem a própria leitura da realidade. O aperfeiçoamento dessa metodologia continua, haja visto que as obras são encaminhadas para a realização de uma exposição artística na culminância. Posteriormente, foram desenvolvidas estratégias para conservação dos trabalhos, o que reforça o propósito de uma educação museal, ao passo que os estudantes contribuem para a construção de um acervo na escola.

A POSSIBILIDADE DE UMA EDUCAÇÃO MUSEAL NA ESCOLA...

Wesclei Ribeiro da Cunha / José Olímpio Ferreira Neto / Eduardo Ferreira Chagas

Com efeito, o ateliê da escola é construído para que os estudantes vivenciem a experiência da expressão artística, questionem sua própria realidade e procurem transmitir sua visão de mundo, o que, por conseguinte, promove o desenvolvimento de uma formação de sujeitos críticos e atuantes. Portanto, não é verdade que os estudantes não gostam de Arte, de Literatura, de Matemática ou do Conhecimento. Parafraseando as palavras de Descartes Gadelha, enquanto Educadores não queremos “pintar a paisagem” de uma estigmatizada escola periférica, mas sim “compreender a alma” desses estudantes que se emocionam, que querem novos horizontes e também se indignam com a condição humana na mais severa precariedade.

Por meio das obras “Pietà do lixo”, “Herói do aterro”, “Santa Ceia”, “Pela Praia de Iracema”, entre tantas obras que integram as Coleções de Descartes Gadelha que se encontram no Museu de Arte da UFC (MAUC), é possível ouvir dos estudantes interpretações filosóficas, teológicas, políticas e até mesmo metafísicas, uma vez que as cenas representadas nessas telas se repetem constantemente nas periferias da nossa cidade. Michelangelo (1475-1564) pintou a Pietá, com Jesus nos braços de Maria, Leonardo da Vinci, além de tantos outros, pintou a Santa Ceia. Descartes Gadelha é uma ponte para os estudantes refletirem que Jesus está no coração das periferias que gritam pelo acesso à Cultura e à Educação, bem como pela partilha do pão e desconcentração da riqueza. Necessário se faz, portanto, a luta para que a escola pública seja democrática e de qualidade a fim de que não seja mero desnível, degradês aos horizontes de uma sociedade que não quer enxergar a força e a necessidade de justiça social.

635

Considerações finais

Estas considerações são provisórias e apresentam-se dentro de um dinâmico processo, que pretende se integrar ao contínuo aperfeiçoamento dos estudos acerca de metodologias que busquem ampliar o diálogo entre a escola e espaços culturais da cidade. Ao propormos uma Educação museal, compreendemos que este âmbito oferece ao processo de ensino-aprendizagem, além de uma formação artística, uma leitura crítica acerca da construção de memórias, de identidades, assim como permite pensar como a própria Arte é uma construção política. Concluímos uma fase das reflexões a que nos propusemos e compreendemos que a experiência docente compreende um processo inacabado, uma vez que a educação, conforme reiteramos com o pensamento de Paulo Freire (2022, p.18-19) “é prática indispensável aos seres humanos e deles específica na História como movimento, como luta.”

Assim, ao trazermos para análise e reflexão a obra de Descartes Gadelha, verificamos que a trajetória do artista fomenta uma pesquisa sobre a relação entre Arte e sociedade, seja

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 13	n. 33	Maio – Agosto 2024	p. 619 - 638
--------------------------	--------	-------	--------------------	--------------

pelas temáticas engendradas pelo envolvimento do artista aos temas que denunciam as contradições de uma cidade profundamente desigual, seja pela construção de uma narrativa que problematiza a naturalização dessas desigualdades, na medida em que coloca no centro de suas coleções aqueles que são invisibilizados no tecido social.

Desenvolveu-se, pois, uma pesquisa de natureza qualitativa, com base em relatos de experiência do intercâmbio na França, do programa Professores Sem Fronteiras, de Cunha (2023) e Ferreira Neto (2023), além do relato de experiência de um projeto contemplado com o edital de Boas Práticas e premiado em Feiras de Ciências, de Cunha (2022-2023), ações promovidas pela Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza. Esses relatos dialogam com o referencial teórico proposto, apontando para a Educação Museal (Castro et al, 2020) e a formação integral (Tonet, 2006) dos sujeitos históricos, assim como com as ideias de Paulo Freire (1996, 2022)

Foi possível perceber que o ensino de Artes ultrapassa o componente curricular obrigatório, pode figurar como uma estratégia pedagógica para mediar o conhecimentos em áreas como Ciências da Natureza, por exemplo. Além disso, fomenta o diálogo interinstitucional e intersetorial, pois os museus podem vir para a escola ou a escola ir para o museu, trabalhando uma Educação Museal, que tem fundamento na democracia, na criticidade e transformação da sociedade, dando voz às populações minorizadas.

Ao final dessa pesquisa, é possível considerar que a Educação Museal e as Artes podem figurar como estratégias de ensino na escola, colaborando para uma formação integral que desenvolve sujeitos históricos críticos, participativos e transformadores da sociedade. Outras questões podem derivar da presente discussão, como a educação em museus de base comunitária, haja visto que há uma construção via regra ignorada pelos livros que narram a história oficial, as memórias da classe trabalhadora fazem parte da cultura da cidade, o que vai ao encontro de uma concepção da História que “arranca a tradição do conformismo” (Benjamin, 1994).

Descartes Gadelha não via sentido expor a Coleção “Catadores do Jangurussu” sem a presença dos catadores no museu. A reação de cada um deles ao se verem representados nas telas do artista nos permite pensar o poder da representatividade, da desnaturalização de tantos seres humanos invisibilizados e do poder de conscientização e denúncia da obra de arte. Urge, pois, que nossos estudantes expressem sua indignação, sua sensibilidade, suas emoções para a construção de uma leitura crítica da própria realidade.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. de. **Aspectos da literatura brasileira**. 6 a ed., São Paulo Editora Itatiaia, 2002.

ANDRADE, M. de. **Macunaíma: o herói sem nenhum caráter**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987.

BARBOSA, F. **Alternativas para driblar a fome: em Fortaleza (CE) catadores realizam trabalho em cooperação**. *Brasil de fato*. Fortaleza (CE). 23 de agosto de 2021. <https://www.brasildefato.com.br/2021/08/23/alternativa-para-driblar-a-fome-em-fortaleza-ce-catadores-realizam-trabalho-em-cooperacao-para-para-arrecadar-alimentos>.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura (Obras escolhidas)**. Trad. Sergio Paulo Rouanet, 7a ed. – São Paulo: Brasiliense, 1994.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Editora Nacional, 1967.

CASTRO, F. et al. **Apresentação**. In: CASTRO, F. et al (Orgs.). *Educação Museal: conceitos, história e políticas*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2020.

CHEVALLARD, Y. **Les programmes et la transposition didactique - Illusions, contraintes et possible**. *Conférence prononcée le 24 octobre 1985 aux Journées de l'APMEP* (Port-Barcarès, 24-26 octobre 1985). Texte paru dans le Bulletin de l'APMEP, 352 (février 1986), pp. 32-50

CHIZZOTI, A. **Pesquisas em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1995.

CUNHA, W. R. da. **Relatos autobiográficos do Programa Professores Sem Fronteiras: Intercâmbio na França**. 2023.

CUNHA, W. R. da. **Registros do Projeto de Boas Práticas: Da sala de aula para o Museu: conhecendo e interpretando o acervo do MAUC para leituras e releituras**, 2023.

Exposição 1989.01 – Catadores do Jangurussu – Descartes Gadelha – 20/07/1989. <https://mauc.ufc.br/pt/exposicoes-realizadas/exposicao-1989-01-catadores-do-jangurussu-descartes-gadelha-20-07-1989/>

FERREIRA NETO, J. O.; CUNHA, W. R. da. **Formação artística, patrimonial e museológica: uma questão de direitos culturais**. *Estadão*. 12 nov. 2023. <https://www.estadao.com.br/politica/blog-do-fausto-macedo/formacao-artistica-patrimonial-e-museologica-uma-questao-de-direitos-culturais/>. Acesso em: 28 nov. 2023.

FERREIRA NETO, J. O. **Relatos autobiográficos do Programa Professores Sem Fronteiras: Intercâmbio na França**. 2023.

FORTALEZA. Lei Ordinária nº 11.248, de 12 de abril de 2022. Dispõe sobre a criação do programa Professores Sem Fronteiras, no âmbito do Município de Fortaleza, e dá outras

A POSSIBILIDADE DE UMA EDUCAÇÃO MUSEAL NA ESCOLA...

Wesclei Ribeiro da Cunha / José Olímpio Ferreira Neto / Eduardo Ferreira Chagas

providências. **DOM** 12.4.2022. <https://sapl.fortaleza.ce.leg.br/ta/3827/text>. Acesso em: 15 nov. 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Política e Educação**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2022.

KASPARY, Danielly. Noosfera e assujeitamento, duas noções da teoria antropológica do Didático para problematizar o currículo e mudanças curriculares. **Revista brasileira de Educação matemática** 2020.

<https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/rpem/article/view/6162>. Acesso em: 28 nov. 2023.

LAHUERTA, Milton. “Os intelectuais e os anos 20. Moderno, modernista, modernização”. In: De Lorenzo, Helena Carvalho. **A década de 1920 e as origens do Brasil moderno**. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

REVISTA ENTREVISTA UFC. “Descartes Gadelha: pintor, escultor e músico”. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2009. **2009_art_dmgedelha** (<repositorio.ufc.br>)

RICOEUR, Paul. **Escritos e Conferências I: em torno da psicanálise**. São Paulo: Loyola, 2010b.

_____. **Tempo e narrativa** (Tomo I). Tradução: Cláudia Berliner; revisão de tradução Márcia Valéria M. de Aguiar. São Paulo: Editora WMF: Martins Fontes, 2010.

SIQUEIRA, Graciele Carine; CORREIA, Helem Cristina Ribeiro de Oliveira; ROCHA, Saulo Moreno. A implantação do Núcleo Educativo do MAUC: políticas públicas, planejamento e experimentação. In: CASTRO, Fernanda; SOARES, Ozias; COSTA, André (org.). **Educação Museal: conceitos, história e políticas**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2020.

TONET, Ivo. Educação e formação humana. **Revista ideação**. v. 8 - nº 9, p. 9-21, agosto, 2006. <https://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/852/721>. Acesso em: 28 nov. 2023.

TV ASSEMBLEIA. “Perfil entrevista Descartes Gadelha”. (Entrevista concedida à jornalista Janaína Gouveia). 13 dez 2018. <https://youtu.be/BEijP2K-XUE?si=SYxgWKMkbOitvQHU>

638

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 13	n. 33	Maio – Agosto 2024	p. 619 - 638
--------------------------	--------	-------	--------------------	--------------